


“Lá e de volta outra vez”: a jornada do herói de Frodo Bolseiro, em *O Senhor dos Anéis*, à luz do Cristianismo

“There and Back Again”: Frodo Baggins’ Hero’s Journey in *The Lord of the Rings* in the Light of Christianity


 <https://doi.org/10.23925/ua.v28i45.e70894>

Thais de Matos Barbosa¹

Resumo: Este estudo examina a jornada de Frodo Bolseiro em *O Senhor dos Anéis* à luz da teoria do monomito de Joseph Campbell e da influência cristã na obra de J. R. R. Tolkien. Por meio de análise dos estágios da jornada do herói, identificam-se elementos narrativos que se alinham tanto à estrutura mitológica quanto a passagens da tradição cristã. Frodo emerge como um herói que carrega um fardo semelhante ao pecado para enfrentar tentações e sacrifícios que ecoam a jornada de Jesus Cristo. Este estudo busca demonstrar como Tolkien harmoniza mitologia e espiritualidade, tornando sua obra atemporal e relevante tanto para o estudo literário quanto para a reflexão filosófica e teológica. Palavras-chave: Frodo Bolseiro; Jornada do Herói; Cristianismo; J.R.R. Tolkien; Monomito

Abstract: This study examines Frodo Baggins’ journey in *The Lord of the Rings* through the lens of Joseph Campbell’s monomyth theory and the Christian influences in J.R.R. Tolkien’s work. By analyzing the stages of the hero’s journey, one identifies narrative elements that align both with mythological structures and Christian tradition. Frodo emerges as a hero carrying a burden akin to sin, facing temptations and sacrifices that echo Jesus Christ’s journey. This study aims to demonstrate how Tolkien harmonizes mythology and spirituality, making his work timeless and relevant for both literary studies and philosophical and theological reflection. Keywords: Frodo Baggins; Hero’s Journey; Christianity; J.R.R. Tolkien; Monomyth

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba

 0000-0002-6655-1409, thais.m.barbosa@gmail.com.

Introdução

A literatura fantástica tem desempenhado um papel crucial na construção de narrativas que ressoam com arquétipos universais, atravessando diferentes culturas e gerações. Dentre essas obras, *O Senhor dos Anéis*, de J.R.R. Tolkien, destaca-se como um marco da literatura do século XX, não apenas por sua riqueza narrativa, mas também pela profundidade de seus personagens e temas.

Uma das figuras centrais dessa história é Frodo Bolseiro, um personagem aparentemente comum que, ao receber o Um Anel, é lançado em uma jornada que transcende sua própria compreensão inicial. Sua trajetória é, em muitos aspectos, uma jornada heroica conforme definida por Joseph Campbell em *O Herói de Mil Faces* e carrega traços de um paralelismo com a jornada de Jesus Cristo na tradição cristã.

Ao longo deste trabalho, serão analisados os estágios clássicos do monomito a partir da jornada de Frodo, destacando os desafios que enfrenta, os aliados que encontra e as provas que o definem como herói. Além disso, serão exploradas as influências cristãs na obra de Tolkien, refletidas na jornada de Frodo e em suas escolhas ao longo da narrativa. Como um católico devoto, Tolkien não escreveu sua obra como uma alegoria direta da religião cristã, mas elementos de sua fé permeiam a estrutura de *O Senhor dos Anéis*, especialmente no que tange às temáticas de sacrifício, tentação e redenção.

A relação entre Frodo e o Um Anel pode ser interpretada como uma representação do peso do pecado, algo que o personagem carrega até o fim de sua jornada. Em paralelo, o percurso de Jesus Cristo, desde sua aceitação do chamado divino até sua crucificação e sua ressurreição, também se configura como um caminho de sofrimento e de redenção. O objetivo deste estudo é demonstrar como a narrativa de Frodo Bolseiro reflete aspectos da tradição cristã e do arquétipo do herói, evidenciando a intersecção entre mitologia e fé na literatura de Tolkien.

1 O Senhor dos Anéis: uma obra atemporal

Muitas obras da literatura têm recebido uma importância destacável no que concerne ao seu papel artístico-literário. O livro de J. R. R. Tolkien, *O Senhor dos Anéis*, trata-se de uma narrativa épica que, durante décadas, encanta leitores das mais diversas idades

A obra conta a história de um hobbit², Frodo Bolseiro, que recebe de seu tio, Bilbo, um anel, cujo poder desconhece, mas que, por alguma razão, mantinha a sua vitalidade e juventude. Gandalf, o Mago Cinzento, amigo de ambos e muito poderoso, revela a ele que aquele anel havia sido forjado por Sauron, cujo intuito era capturar todos os povos livres da Terra-Média e submetê-los à sua força e a seu poder. A partir disso, Frodo sai junto com Samwise, seu amigo e companheiro fiel, em uma aventura, cujo intuito é chegar a Valfenda e entregá-lo a Elrond, um elfo sábio e poderoso.

Entretanto, ao chegar lá, descobre que esse anel só poderá ser destruído onde foi forjado, na Montanha da Perdição, em Mordor. Para tal empreitada, juntam-se a ele humanos, Aragorn e Boromir; um anão, Gimli; um elfo, Legolas; e dois amigos hobbits, Merry e Pippin, além de seu amigo Samwise, também chamado Sam.

A obra é dualista, em constante batalha do bem contra o mal, passando-se na Terceira Era da Terra-Média, em um mundo relativamente arcaico. Muito se deve ao fato de o autor da obra ser um estudioso medievalista e professor de Literatura Inglesa, cujas leituras das sagas islandesas e das histórias arturianas foram fonte valiosa de inspiração para os seus escritos. Além disso, as mitologias nórdica e celta também foram fundamentais para a construção dessa narrativa. Dentre a temática abordada na obra, alguns temas como amizade, fidelidade, amor, companheirismo, autossacrifício, respeito ao próximo e tolerância nos são apresentados.

2 Hobbits são seres criados por Tolkien. São menores que os anões, mas extremamente ágeis, podendo desaparecer com facilidade. Seus pés são grandes e peludos, tornando-os resistentes a grandes caminhadas. Normalmente são pacatos, adoram contar e ouvir boas histórias, comer e fumar cachimbo.

2 A jornada do herói em *O Senhor dos Anéis*

Muitos consideram que um dos mais importantes livros do século XX foi *O Herói de Mil Faces*, de Joseph Campbell. Paralelamente às teorias de Carl Jung sobre os arquétipos e o inconsciente coletivo, Campbell trabalha a noção de que as histórias (todas elas) estão ligadas por um fio condutor comum. Assim, desde os mitos antigos, passando pelas fábulas e pelos contos de fadas até os mais recentes estouros de bilheteria do cinema americano, a humanidade conta e reconta sempre as mesmas histórias (Ricón, 2006).

Joseph Campbell em sua obra *O Herói de mil faces* apresenta uma discussão acerca do papel do herói à luz da mitologia. Para o autor (p. 30), os heróis clássicos executam o mesmo movimento básico, porque

um herói se aventura do mundo comum para uma região de maravilhas sobrenaturais: forças fabulosas são encontradas e uma vitória decisiva é conquistada: o herói retorna desta aventura misteriosa com o poder de conceder bênçãos a seus semelhantes³ (Campbell, 1995, p. 30, tradução nossa).

O autor em sua obra supramencionada apresenta a ideia de que todas as narrativas heroicas advêm da mesma construção narrativa, a qual ele chama de monomito, porque “um herói vindo do mundo cotidiano se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas — forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes” (Campbell, 1995, p. 28). Nisso, o autor faz um preâmbulo interessante em sua obra ao associar elementos dessas narrativas mitológicas às narrativas bíblicas, fazendo associações entre as mais diversas religiões em suas cosmogonias e hierofanias. Para Campbell,

Partindo desse pressuposto campbelliano, pode-se dizer que a literatura de fantasia

3 A hero ventures forth from the world of common day into a region of supernatural wonder: fabulous forces are there encountered, and a decisive victory is won: the hero comes back from this mysterious adventure with the power to bestow boons on his fellow man.

e seus personagens heroicos assemelham-se de certa maneira a personagens existentes nos textos sagrados e em suas trajetórias. Para tanto, faz-se mister, primeiramente, entender como ocorre essa jornada e como ela é dividida.

Desta maneira, a “jornada do herói épico” é narrada a partir de três pontos, conforme descrito a Figura 1.

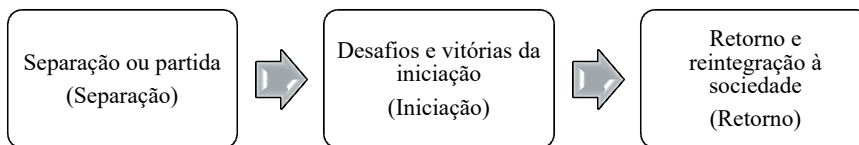


Figura 1: Estrutura da jornada do herói épico

Fonte: produzido pela autora, baseado em Campbell (1995).

Contos de fadas e histórias fantásticas, com seus cavaleiros e príncipes encantados, reforçam essa estrutura mítica ao mostrar que os príncipes devem deixar o seu reino (processo de separação), em busca de aventuras, como matar dragões, destruir inimigos etc. (iniciação) de modo a ganhar o amor e pedir a mão das princesas, podendo, assim, retornar às suas origens e clamar pelo seu trono (retorno).

A partir desses três conceitos, Campbell (1995) apresenta um desmembramento dessa jornada. Ao iniciar sua jornada (separação), o herói passa por processos que são inerentes a cada fase, conforme Quadro 1.

Quadro 1: Primeira etapa da jornada do herói: separação

Etapa 1 - Separação	
Mundo Comum	É a apresentação do herói em seu mundo comum, um personagem comum.
Chamado à aventura	Algo impele o herói na direção de uma “busca”, de uma “jornada”, de uma “aventura”.
Recusa do chamado	O herói reluta em empreender a “jornada”.
Encontro com o mentor	O herói recebe um conselho, item ou ajuda de um mentor.
Travessia do primeiro limiar	O herói, diante de um “ponto sem retorno”, o portal que o leva ao

Fonte: Vogler (1997).

A maioria das histórias leva o personagem principal para fora do seu mundo comum, cotidiano, em direção a um mundo especial, novo e estranho (o mundo comum), sendo apresentado a um desafio de grande risco (chamado à aventura), não podendo mais ficar indiferente. Muitas vezes, diante do medo, o herói não quer seguir nessa jornada (recusa do chamado), e é nesse ponto da história em que aparece o mentor – cuja representação na mitologia é comum, essa relação de mestre e discípulo – que o orienta a seguir (encontro com o mentor).

Entretanto, o mentor não poderá seguir com o herói por todo o seu caminho, sendo o mesmo responsável por sua própria jornada rumo ao desconhecido. Finalmente, a partir daí, o herói se compromete com a sua aventura, entrando de vez na sua jornada (travessia do primeiro limiar). É nesse momento que temos o que se chama de “ponto de virada”, por não haver mais como retornar.

Faz-se importante observar que esse esquema é variável e que, no fundo, apenas uma verdade é fixa: o herói deixa o seu mundo para se aventurar em uma realidade hostil. Ao seguir na jornada, inicia-se a segunda etapa, chamada de iniciação, na qual ocorre o conflito. Aqui, é o momento em que os principais desafios da narrativa acontecem, conforme exposto no Quadro 2.

Quadro 2: Segunda etapa da jornada do herói: iniciação/conflito

Etapa 2 – Iniciação/Conflito	
Testes, aliados e inimigos	O herói tem que enfrentar testes que vão “qualificá-lo” como digno de vencer.
Aproximação da caverna oculta.	De posse da “arma mágica”, o herói se aproxima do covil do inimigo.
Provação suprema	O embate com o antagonista.
Recompensa	O herói conquista o seu prêmio.

Fonte: Vogler (1997).

A partir desse ponto, em que o herói decide entrar no seu mundo especial, encontra novos desafios, enfrenta testes, faz aliados e luta contra diversos inimigos (testes, aliados e inimigos) em busca do seu objetivo maior, que é chegar próximo (aproximação da caverna oculta) e derrotar o seu maior inimigo, enfrentando, por vezes, o perigo de morte (provação

suprema). Após enfrentar seu principal inimigo e vencer, o herói pode, então, apossar-se de sua recompensa e celebrar a que veio (recompensa).

A etapa final é a resolução, em que ocorre o fechamento da narrativa épica. Nessa etapa, há o retorno do herói ao seu ponto inicial, onde deverá colher os louros da vitória, conforme demonstra o Quadro 3.

Quadro 3: Segunda etapa da jornada do herói: resolução

Etapa 3 - Resolução	
Caminho de volta	O herói inicia sua jornada de volta para casa.
Ressurreição	O herói é revivido com poderes sobrenaturais.
Retorno com o elixir	O herói emerge do mundo inferior com a solução mágica.

Fonte: Vogler (1997).

Nesse momento, o personagem heroico deve retornar (caminho de volta), entretanto esse não será fácil e estará cercado de desafios. Para isso, o herói deve “renascer” e, assim, purificar-se antes de voltar ao mundo comum, podendo, em alguns casos, ser até mais intenso do que a provação suprema, provando que realmente aprendeu as lições advindas de sua missão (ressurreição). O herói se transforma graças a esse momento de morte e renascimento e, assim, pode voltar à vida comum como um novo ser, mais evoluído, experiente, com um novo entendimento (Ricón, 2006).

O herói retorna ao mundo comum, mas toda a jornada não tem o menor sentido se não trazer consigo um elixir (retorno com o elixir). Elixir é uma poção mágica com poder de cura ou simplesmente um amor conquistado, liberdade de viver ou a volta para casa com uma boa história para contar (Ricón, 2006).

3 A jornada do herói de Frodo em *O Senhor dos Anéis* na estrutura narrativa

O herói dessa história é o personagem Frodo Bolseiro. Ao analisar a narrativa estruturada por J. R. R. Tolkien, é possível dividi-la dentro do que Campbell define como jornada do herói, tal qual exposto no Quadro 4.

Quadro 4: Etapas da jornada do herói em *O Senhor dos Anéis*

Etapas da jornada do herói em <i>O Senhor dos Anéis</i>	
Mundo comum	Frodo vive no Condado, de maneira simples e pacífica, junto do seu tio, Bilbo.
Chamado à aventura	A descoberta do Um Anel o coloca na missão de tirá-lo do Condado.
Recusa do chamado	O receio de Frodo em aceitar a responsabilidade de portá-lo.
Encontro com o mentor	Gandalf, o Mago Cinzento, orienta-o sobre o Um Anel e os seus perigos.
Travessia do primeiro limiar	Frodo deixa o Condado, rompendo com sua vida anterior, acompanhado pelo seu amigo, Sam.
Provas, aliados e inimigos	No caminho até Valfenda, Frodo enfrenta diversos desafios (Nazgûl, os Espectros do Anel) e, em Valfenda, encontra os seus aliados: Pippin, Merry, Boromir, Legolas, Gimli, Aragorn e Sam (A Sociedade do Anel).
Aproximação da caverna oculta	A viagem até Moria e a luta contra o Balrog, um grande teste de coragem e perda (a “morte” de Gandalf).

Provação suprema	O fardo crescente do Um Anel, a traição de Boromir, e a decisão de Frodo de seguir sozinho.
Recompensa	Frodo percebe que precisa contar com Sam para continuar, o que representa o valor da amizade e da humildade.
Caminho de volta	A escalada do Monte da Perdição e a luta final contra Gollum.
Ressurreição	O fim do Anel e a purificação do mundo, mas ao custo da própria inocência de Frodo.
Retorno com o elixir	Frodo volta ao Condado, mas percebe que não pode mais viver lá como antes. Sua jornada termina com sua partida para as Terras Imortais, simbolizando a busca por paz e redenção.

Fonte: Vogler (1997).

Ao analisar a narrativa épica de Tolkien, percebe-se que o autor se baseou na estrutura clássica para dar vida àquela que seria uma das grandes obras de sua carreira, porque Frodo apresenta características que se enquadram no que se chama de arquétipo heroico.

Para o presente trabalho, discutir-se-á essa construção narrativa e arquetípica da jornada do herói em caráter comparado com a narrativa bíblica e a jornada de Jesus Cristo e, para tal, comparar-se-á as duas histórias, de modo a mostrar o quanto a própria fé de Tolkien o influenciou enquanto autor.

4 Os elementos cristãos na jornada de Frodo

A jornada do herói de Joseph Campbell pode ser aplicada tanto a Frodo, em *O Senhor dos Anéis*, quanto a Jesus Cristo, na narrativa bíblica. Faz-se importante ressaltar que Tolkien foi criado por sua mãe, Mabel Tolkien, e, “desde aquele tempo ele foi um católico devoto, se não evangelista, certamente convertido e [...] esta devoção religiosa guiou sua vida e carreira, mas também indicou as raízes de sua mitologia e frequentemente guiou sua caneta” (White, 2016, p. 40).

Sendo assim, é perceptível em sua obra que os traços dessa religiosidade podem ser encontrados nos mais diversos detalhes, inclusive no maniqueísmo existente.

4.1 O mundo comum

Na narrativa tolkieniana, Frodo é um *hobbit* que mora no Condado, em uma região afastada da Terra-Média, vivendo uma vida simples, pacata e tranquila, ao lado do seu tio, Bilbo Bolseiro.

Frodo, entretanto, era ainda mais misterioso do que Bilbo. Ele tinha hábitos estranhos para um hobbit: gostava de caminhar sozinho pelos campos e muitas vezes partia para caminhadas longas, indo muito além dos limites do Condado (Tolkien, 2000, p. 45).

Para a análise, faz-se interessante sugerir uma analogia com Mircea Eliade. Para Souza e Luckner (2021), o ser humano em sua condição religiosa, sendo ele um *homo religiosus*, é ontologicamente constituído pela dimensão sagrada, sendo provido, mesmo que minimamente, de sacralidade. Para Eliade (1989, p. 113-114),

nos graus mais arcaicos de cultura, viver enquanto ser humano é, em si, um ato religioso, pois a alimentação, a vida sexual e o trabalho têm um valor sacramental. A experiência do sagrado é inerente ao modo de ser do homem no mundo. Sem a experiência do real e do que não é –, o ser humano não saberia constituir-se.

Ao olhar-se para Frodo, pode-se perceber a personagem e sua “sacralidade” – não só dele, mas da própria descrição dada por Tolkien aos *hobbits* – no que concerne à sua conexão com sua casa, suas refeições e sua tranquilidade.

Segundo Kothe (2000, p. 12), os heróis clássicos são aqueles provenientes e que procuram demonstrar a “classe” da classe, sendo o modelo básico desses heróis Aquiles, o grande herói da Guerra de Tróia. Frodo é diametralmente oposto a essa representação.

Já o texto bíblico pouco revela sobre a infância de Cristo, tendo apenas algumas poucas passagens que nos mostram que a sua vida foi simples e comum. As poucas menções de sua infância referem-se a seu nascimento, como em Mateus 2:1-12 e Lucas 2:1-20:

1 Naqueles dias, César Augusto publicou um decreto ordenando o recenseamento de todo o império romano.

2 Este foi o primeiro recenseamento feito quando Quirino era governador da Síria.

3 E todos iam para a sua cidade natal, a fim de alistar-se.

4 Assim, José também foi da cidade de Nazaré da Galileia para a Judeia, para Belém, cidade de Davi, porque pertencia à casa e à linhagem de Davi.

5 Ele foi a fim de alistar-se, com Maria, que lhe estava prometida em casamento e esperava um filho.

6 Enquanto estavam lá, chegou o tempo de nascer o bebê,

7 e ela deu à luz o seu primogênito. Envolheu-o em panos e o colocou numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria.

[...]

11 Hoje, na cidade de Davi, nasceu o Salvador, que é Cristo, o Senhor (Bíblia. Lucas 2:1-11).

Em um outro momento, é descrito que “Jesus ia crescendo em sabedoria, estatura e graça diante de Deus e dos homens” (Bíblia, Lucas 2:52). Além disso, nada mais se sabe sobre a infância de Jesus, entretanto, percebe-se que ambos os personagens, tanto o literário quanto o bíblico, viviam vidas simples, pacatas e rodeados por sua família.

4.2 O “chamado” à aventura

Em *O Senhor dos Anéis*, Frodo recebe o seu chamado quando Gandalf lhe revela acerca do Um Anel, dizendo-lhe que deveria partir do Condado para Bri, onde o encontraria. Segundo a narrativa de Tolkien,

Gandalf olhou para o rosto de Frodo, e então disse com voz grave: ‘Este é o Um Anel, e a sua história é mais longa do que você pode imaginar. Ele foi forjado por Sauron, o Senhor das Trevas, na Terra das Sombras, com o intuito de dominar todos os outros Anéis de Poder e, por meio deles, governar os povos da Terra-média. Mas o Anel se perdeu, e a história de sua perda é cheia de mistério. Ele foi encontrado por Gollum, e depois, há muitos anos, por Bilbo, seu tio.’ (Gandalf então disse a Frodo a inscrição do Anel): ‘O Anel tem uma inscrição gravada em sua superfície, que só pode ser lida quando o Anel é aquecido. Ela diz o seguinte: ‘Um Anel para todos governar, Um Anel para encontrá-los, Um Anel para trazê-los e na escuridão aprisioná-los’ (Tolkien, 2000, p. 58 e p. 59).

Gandalf, nesse momento, revela a Frodo sobre o Um Anel e lhe dá a missão de levá-lo para longe do Condado, sendo, assim, o arauto da aventura, explicando-lhe a importância de seu trabalho (Góis e Costa, 2009). Para Souza e Luckner (2021), Eliade advoga que os seres humanos das sociedades tradicionais buscavam viver na dimensão do sagrado, evitando qualquer contato com a dimensão profana, pois sendo *homo religiosus* evita a esfera profana que é a realidade do não-ser, para participar da esfera do ser e do poder que se encontra no sagrado. Frodo, ao saber do Um Anel, busca afastar-se do profano, do não-ser.

Nesse ponto, a semelhança com a narrativa bíblica é percebida no que diz respeito ao chamado de Jesus, quando inicia a sua jornada a partir do batismo realizado por João Batista:

13 Então Jesus veio da Galileia ao Jordão para ser batizado por João.

14 João, porém, tentou impedi-lo, dizendo: "Eu preciso ser batizado por ti, e tu vens a mim?"

15 Respondeu Jesus: "Deixe assim por enquanto; convém que assim façamos, para cumprir toda a justiça". E João concordou.

16 Assim que Jesus foi batizado, saiu da água. Naquele momento, o céu se abriu, e ele viu o Espírito de Deus descendo como pomba e pousando sobre ele.

17 Então uma voz dos céus disse: "Este é o meu Filho amado, de quem me agrado" (Bíblia, Mateus 3:13-17).

O batismo é o início da jornada com Cristo, quando ele escolhe morrer para as vontades naturais e viver para que a vontade do Senhor se cumpra. Ao comparar com Frodo, nota-se que ambos possuem o seu "chamado" para realizarem suas missões que, embora designadas, não seriam fáceis: Frodo, na missão de transportar o Um Anel para fora do Condado; e Cristo na missão de pregar e curar, em sua missão de salvação.

Souza e Luckner (2021) ressaltam ainda que as sociedades tradicionais são caracterizadas pela oposição caos e cosmos. Cosmos como espaço em que habita o ser humano, aquele que ele conhece, o seu mundo, sendo que tudo o mais que ultrapassa a sua fronteira, que está fora desse mundo constitui para ele o outro mundo, o caos. Para Frodo, partir em uma aventura – para o desconhecido – era algo além.

4.3 A recusa do chamado

Ambas as personagens das narrativas apresentam traços no que diz respeito à recusa do chamado. Frodo, a princípio, não quer deixar o Condado. Segundo a narrativa de Tolkien,

— Espero que sim — disse Frodo. — Mas espero que possa encontrar logo algum outro guardião melhor. Mas por enquanto parece que represento um perigo, um perigo para todos os que vivem perto de mim. Não posso guardar o Anel e ficar aqui. Devo deixar Bolsão, o Condado, deixar tudo e ir embora. — Ele suspirou.

— Gostaria de salvar o Condado, se pudesse — embora tenha havido ocasiões em

que pensei não ter palavras para descrever a estupidez e idiotice dos habitantes daqui, e senti que o bom para eles seria um terremoto ou uma invasão de dragões. Mas não sinto assim agora. Sinto que enquanto o Condado permanecer a salvo e tranquilo atrás de mim, a minha andança será mais suportável: saberei que em algum lugar existe um chão seguro, mesmo que meus pés não possam pisá-lo de novo.

— É claro que às vezes pensei em ir embora, mas imaginava isso como um tipo de férias, uma série de aventuras como as de Bilbo ou ainda melhores, terminando em paz.

Mas isto agora significa o exílio, fugir de um perigo para cair em outro, levando o perigo por onde quer que eu vá. E suponho que devo ir só, se estou fazendo isto para salvar o Condado. Mas sinto-me muito pequeno, e extirpado de minhas raízes e — bem — desesperado. O Inimigo é tão forte e terrível (Tolkien, 2000, p. 65 e p. 66)!

Na narrativa bíblica, Jesus também apresenta a sua “recusa” ao chamado. No Getsêmani, Cristo apresenta o seu momento de medo em face ao desafio a ser enfrentado, conforme a passagem do livro de Mateus, 26:36-46:

36 Então Jesus foi com seus discípulos para um lugar chamado Getsêmani e lhes disse: “Sentem-se aqui enquanto vou ali orar”.

37 Levando consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu, começou a entristecer-se e a angustiar-se.

38 Disse-lhes então: “A minha alma está profundamente triste, numa tristeza mortal. Fiquem aqui e vigiem comigo”.

39 Indo um pouco mais adiante, prostrou-se com o rosto em terra e orou: “Meu Pai, se for possível, afasta de mim este cálice; contudo, não seja como eu quero, mas sim como tu queres”.

40 Depois, voltou aos seus discípulos e os encontrou dormindo. “Vocês não puderam vigiar comigo nem por uma hora?”, perguntou ele a Pedro.

41 “Vigiem e orem para que não caiam em tentação. O espírito está pronto, mas a carne é fraca.”

42 E retirou-se outra vez para orar: “Meu Pai, se não for possível afastar de mim este cálice sem que eu o beba, faça-se a tua vontade”.

43 Quando voltou, de novo os encontrou dormindo, porque seus olhos estavam pesados.

44 Então os deixou novamente e orou pela terceira vez, dizendo as mesmas palavras.

45 Depois voltou aos discípulos e lhes disse: “Vocês ainda dormem e descansam? Chegou a hora! Eis que o Filho do homem está sendo entregue nas mãos de pecadores.

46 Levantem-se e vamos! Aí vem aquele que me trai!”

Nesse momento, há uma hierofania que, ao contrário, revela um ponto fixo, ou centro, que equivale a criação do mundo. O espaço do profano hegemônico, não havendo assim um ponto fixo, o mundo aparece fragmentado, como uma diversidade de lugares relativamente neutros, na qual o ser humano “se move pelas obrigações de toda existência integrada numa sociedade industrial [e materialista]” (Eliade, 2013, p. 21).

No limiar que separa os dois espaços, o centro do mundo, a fronteira entre o sagrado e o profano paradoxalmente é onde tais mundos se comunicam, podendo acontecer a passagem. Sendo como uma porta, o limiar constitui-se como um símbolo, e ao mesmo tempo como veículo de passagem do mundo profano para o mundo sagrado. Nessa dualidade entre sagrado e profano, o núcleo central entre eles é onde, para Eliade, se tem a evidência do fenômeno religioso (Souza e Luckner, 2021). No caso da narrativa tolkieniana, o centro do mundo de Frodo o levaria para sair de sua zona de conforto – sacralizada – para o profano, a estrada, o caminho do mal. Por isso, Frodo recusa o chamado. Já na narrativa bíblica, Cristo tem a mesma reação inicial de medo, mas pede ajuda ao seu “mentor” para que possa passar pela missão.

4.4 O encontro com o mentor

Faz-se mister ressaltar a presença de figuras que representam o mentor em ambas as narrativas. Segundo Góis e Costa (2009, p. 118), o primeiro auxílio sobrenatural que Frodo recebe surge das mãos do mago Gandalf. Gandalf é um Maia, um espírito, semelhante a um anjo, que, enviado por Ilúvatar – o Único, tem o objetivo de organizar e auxiliar elfos e homens na luta contra Sauron. Segundo os autores supramencionados,

sua imagem evoca uma impressão de sabedoria milenar devido a seu aspecto decrépito, semelhante a um ancião, bruxo, eremita ou curandeiro. O mago é a base da Sociedade do Anel, é quem demonstra conhecer melhor os caminhos e suas armadilhas e assim se torna um guia, um líder (Góis e Costa, 2009, p. 118).

Ele é quem mostrará a Frodo o seu caminho nessa jornada, e ainda aconselha Frodo a não ir sozinho, levando consigo o seu companheiro, Samwise Gamgi. Pela narrativa de Tolkien,

— Mas não acho que você precise ir só. Não se conhecer alguém em quem confia, e que esteja disposto a ir ao seu lado — e que você esteja disposto a levar a perigos desconhecidos. Mas se procurar um companheiro, seja cuidadoso na escolha! E tenha cuidado com o que disser—, mesmo para os amigos mais íntimos! O Inimigo tem muitos espões e muitas maneiras de escutar.

[...]

Sam caiu de joelhos, tremendo. — Levante-se, Sam — disse Gandalf. Pensei em algo melhor que isso. Algo para fechar sua boca, e puni-lo de modo exemplar por ter ficado escutando a conversa. Você irá embora com o Sr. Frodo!

— Eu, senhor? — gritou Sam, pulando como um cachorro que é convidado para um passeio. — Eu ir e ver elfos e tudo o mais? Viva! — gritou ele, rompendo em lágrimas (2000, p. 66 e p. 67).

Além disso, em Lothlórien, ciente de sua solidão, Galadriel, grande rainha élfica, muito antiga e um dos seres mais sábios de toda a Terra-Média também alertará Frodo

sobre o seu papel de portador do Um Anel. Um adendo a ser feito nessa parte diz respeito à descrição da personagem que, em muito, assemelha-se a de Nossa Senhora e será ela que ele invocará nos momentos mais difíceis – em uma analogia interessante à figura da mãe intercessora, que socorre nas angústias e tormentos. Ao partir, a mesma a presenteia com a luz de Eärendil, que o guiará na escuridão – assim como a estrela que guiou os magos – e com o pão élfico – presente dado apenas aos amigos mais próximos, representando o corpo de Cristo.

Ao considerar Jesus Cristo, ele é orientado por Deus Pai e pelo Espírito Santo, de uma maneira sobrenatural, posto que, diferentemente de Gandalf, o auxílio de Cristo – Deus Pai e o Espírito Santo – não é materializado. Para tal, Deus determina um ser materializado – João Batista, que é também chamado de “Cordeiro de Deus” – para o preparar e fortalecer na jornada, bem como aos seus discípulos. O Espírito Santo também é uma presença orientadora em sua vida e missão. Assim como Gandalf guia Frodo, Cristo segue o direcionamento divino e orienta outros em sua jornada.

Ao se considerarem as narrativas tolkieniana e bíblica, bem como seus mitos, vale considerar que, segundo Campbell (1995, p. 21 e p. 22) a primeira função de uma mitologia é reconciliar a nossa consciência que desperta com o *mysterium tremendum et fascinans* do Universo como ele é; a segunda é apresentar uma imagem interpretativa total do mesmo (...); a terceira é a imposição de uma ordem moral: a confirmação do indivíduo às necessidades de seu grupo social, geográfica e historicamente condicionado (...); a quarta função de uma mitologia é auxiliar o indivíduo a encontrar seu centro e se desenvolver integralmente em consonância: consigo mesmo (o microcosmo); com sua cultura (o mesocosmo); com o Universo (o macrocosmo); e com aquele terrível e último mistério que está tanto fora, quanto dentro de si mesmo e de todas as coisas. Nesses dois textos, o mentor é aquele que será responsável por manter os heróis em seu caminho.

A presença do guia, conforme mostra o junguiano Henderson, é extremamente necessária, visto que “a fraqueza do herói é contrabalanceada pelo aparecimento de poderosas figuras “tutelares” – ou guardiães – que lhe permitem realizar as tarefas sobre-humanas que lhe seriam impossíveis de executar sozinho” (Henderson, 2008, p. 144). É uma batalha pela libertação. Tal conceito se aplica a narrativa tolkieniana, mesmo que o

arquétipo do herói não esteja presente em sua totalidade, pois a jornada não poderia ser executada sem o auxílio dessa figura, representante da Razão (Carreiro, 2015).

4.5 Travessia do primeiro limiar

A travessia do primeiro limiar na obra *O Senhor dos Anéis* se dá quando Frodo deixa o condado juntamente com o seu amigo Sam. Nesse momento, Frodo rompe com a sua vida pacata e pacífica e sai rumo a uma realidade completamente desconhecida. Do mesmo modo acontece na narrativa cristã, quando Jesus inicia o seu ministério público a partir do batismo: nesse momento, ele rompe com a sua vida simples, no auxílio do seu pai terreno, na carpintaria, dedicando-se completamente na missão de levar aos homens as novas do reino dos Céus, bem como pregar o evangelho e curar os doentes.

4.6. Provas, aliados e inimigos

Na sua jornada, Frodo Bolseiro enfrenta diversos perigos, bem como tem ao seu lado aliados poderosos que o ajudarão durante a sua trajetória. Da saída do Condado até chegar à estalagem do Pônei Saltitante, em Bri, o herói e seu amigo Sam se juntam a Merry e Pippin, em uma fuga dos Nazgûl, os Espectros do Anel, que perseguem Frodo em busca de resgatar o anel em posse de Frodo.

Ao chegarem na estalagem e não encontrar Gandalf, que fora enganado por Saruman e estava preso em sua torre em Isengard, são salvos por Passolargo e levados até Valfenda. Nesse ínterim, Frodo é ferido por uma Nazgûl com uma lâmina de Morgul, sendo salvo por Elrond. Em Valfenda, Frodo se dispõe a levar o Um Anel até o seu destino, nas Montanhas da Perdição, em Mordor e, para isso, forma-se a sociedade do Anel: Boromir e Aragorn, homens; Gimli, o anão; Legolas, o elfo, e seus amigos *hobbits* já mencionados.

Na narrativa bíblica não é diferente. A jornada de Cristo, depois de seu batismo, é marcada por desafios, com a tentação no deserto por Satanás:

- 1 Jesus, cheio do Espírito Santo, voltou do Jordão e foi levado pelo Espírito ao deserto,
- 2 onde, durante quarenta dias, foi tentado pelo Diabo. Não comeu nada durante esses dias e, ao fim deles, teve fome.
- 3 O Diabo lhe disse: “Se és o Filho de Deus, manda esta pedra transformar-se em pão”.
- 4 Jesus respondeu: “Está escrito: ‘Nem só de pão viverá o homem’”.
- 5 O Diabo o levou a um lugar alto e mostrou-lhe num relance todos os reinos do mundo.
- 6 E lhe disse: “Eu te darei toda a autoridade sobre eles e todo o seu esplendor, porque me foram dados e posso dá-los a quem eu quiser.
- 7 Então, se me adorares, tudo será teu”.
- 8 Jesus respondeu: “Está escrito: ‘Adore o Senhor, o seu Deus, e só a ele preste culto’”.
- 9 O Diabo o levou a Jerusalém, colocou-o na parte mais alta do templo e lhe disse: “Se és o Filho de Deus, joga-te daqui para baixo.
- 10 Pois está escrito: “‘Ele dará ordens a seus anjos a seu respeito, para o guardarem;
- 11 com as mãos eles o segurarão, para que você não tropece em alguma pedra’”.
- 12 Jesus respondeu: “Dito está: ‘Não ponha à prova o Senhor, o seu Deus’”.
- 13 Tendo terminado todas essas tentações, o Diabo o deixou até ocasião oportuna (Bíblia, Lucas, 4:1-13).

Durante seu ministério, Ele também enfrenta oposição das autoridades religiosas, como os fariseus, além de seus próprios discípulos – que foram seus aliados na missão – mas que nem sempre compreendem Sua missão.

4.7 Aproximação da caverna oculta

Na narrativa tolkieniana, destaca-se como o momento da aproximação da caverna oculta o encontro da comitiva do Anel com o Balrog nas Minas de Moria. Nesse momento, toda a comitiva passa por um grande teste, especialmente Frodo, quando o seu mentor,

Gandalf, morre. Faz-se interessante destacar e trazer, nesse momento, uma analogia ao texto cristão. Paula (2019) apresenta elementos de similitude à pessoa de Cristo ao analisar Gandalf.

Gandalf era a forma humana assumida pelo Maiar Olórin, que surge na Terra-Média para ajudar na luta contra Sauron. “Tais aspectos serão explorados mais adiante, porém já é possível afirmar que devido ao caráter da missão de Gandalf, o mago figura o Cristo em seu ofício profético (Paula, 2019, p. 65). Ainda nas palavras do autor,

assim como a personagem tolkieniana fora enviada à Terra-Média por vontade dos Valar, a segunda Pessoa da Santíssima Trindade fora enviada ao mundo para cumprir os desígnios do Pai, que não consistem somente no grande ato redentor a ser realizado e que trará salvação à humanidade, mas também na revelação e no testemunho da palavra de Deus, isto é, da Verdade (cf. Jo. 3: 34) (Paula, 2019, p. 66).

Para Carreiro (2015), que compara as obras *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri, e *O Hobbit*, de Tolkien, a busca pelo guia e protetor Virgílio em Dante se assemelha à dependência que Bilbo Bolseiro tem de Gandalf. Essas duas figuras representam nas obras, por meio da razão, a certeza de salvação. Atrevo-me a dizer que isso ocorre também com Frodo, na sua dependência do mago Gandalf e sua sapiência, apesar de estar cercado de pessoas que, na ausência desse mentor, viu-se obrigado a seguir e “confiar”. Segundo Carreiro,

a viagem de Dante começa no ante-Inferno, mas é somente no encontro com Virgílio que há o esclarecimento de que a jornada será, de fato, empreendida: “A ti convém seguir outra viagem”, diz o guia no verso 91 do canto I, de Inferno. A fala do poeta romano implica na revelação de que ele, Dante, precisa cumprir a jornada se quiser ser salvo e, assim, também salvar os outros viventes, uma vez que os mortos já têm o seu lugar definido. Em *O Hobbit* – e em *O Senhor dos Anéis* –, a figura de Gandalf obedece ao mesmo princípio: o de guia para salvação. Neste

caso, a identificação do leitor não é profunda como em Dante, visto que não há, aqui, a falta de lugar definido relatado por Auerbach em relação à Comédia (2015, p. 7).

Na Bíblia, pode-se relacionar a aproximação da caverna oculta com o Getsêmani, pois nesse momento Cristo descobre que a Sua missão terminaria com o sacrifício da cruz. Para Mesquita (2016), o herói trágico é constituído da tragédia e, conforme a narrativa vai se desenvolvendo, ele vai aparecendo como trágico.

O herói trágico, assim como na epopeia, é retratado na tragédia, situa-se entre os deuses (divindade) e o ser humano. Para Kothe (2000), o herói trágico não é o mesmo que o herói da epopeia, ele não é um exemplo a ser seguido, não representa um ideal de homem como o herói épico. Ele representa a falta de comedimento e acaba em sofrimento. O homem grego vê no herói trágico a sua própria dor; portanto, serve de um alerta para não cair no mesmo erro que ele.

A tragédia tem sua origem na crença religiosa do bode expiatório que é imolado. Então o herói constitui-se originalmente por ser originalmente uma espécie de sacrifício. Ele se queixa de seu mau destino, quase o tempo todo ao contrário do cordeiro que não reclama ao ser sacrificado. Frodo, em diversos momentos, questiona o seu sacrifício e o papel que enfrenta, diferentemente de Cristo, o qual, como um cordeiro, aceita a decisão de seu mentor celestial.

4.8 Provação suprema

Frodo, durante a sua jornada, passa por diversas provas supremas. Podem-se destacar, no entanto, algumas delas: o fardo crescente do Um Anel, a traição de Boromir e a decisão de seguir sozinho.

A missão de Frodo, por mais que ele tivesse aliado ao seu lado, ajudando-o a seguir, não o impedia de sentir o peso exorbitante que o Um Anel colocava sobre ele. Além disso, o momento em que Boromir se volta contra ele deixa-o certo de que precisa partir sozinho e que esse fardo é apenas dele. Na narrativa de Tolkien,

Frodo recuou e outra vez a pedra ficou entre os dois. Só havia uma coisa a fazer: tremendo, tirou o Anel da corrente e colocou -o depressa no dedo, no exato momento em que Boromir saltava de novo em sua direção. O homem ficou atônito, olhando surpreso por um momento, e depois correu em volta do lugar, ensandecido, procurando aqui e ali por entre as rochas e árvores.

—Trapaceiro miserável! — gritou ele. — Deixe-me colocar as mãos em você! Agora entendo o que pretende. Levará o Anel para Sauron e nos venderá a todos. Só estava esperando uma oportunidade para nos deixar em apuros. Amaldiçoo você e todos os pequenos com a morte e a escuridão!

Então, tropeçando numa pedra, caiu e esparramou-se de rosto no chão. Por um momento, ficou parado como se sua própria praga o tivesse atingido; depois, de repente, começou a chorar. Levantou-se passando a mão nos olhos, limpando as lágrimas.

—O que eu disse? — gritou ele. — O que eu fiz? Frodo, Frodo! — chamou ele. — Volte! Uma loucura tomou conta de mim, mas já passou. Volte (2000, p. 374)!

A provação suprema de Cristo ocorre durante Sua crucificação, quando Ele carrega o peso do pecado da humanidade e é traído por Judas, um dos Seus discípulos. No Jardim do Getsêmani, Ele enfrenta o fardo de Sua missão e decide seguir sozinho, assim como Frodo, que toma a decisão de carregar o Anel sozinho após a traição de Boromir.

4.9 Recompensa

Na narrativa cristã, a “recompensa” para Cristo é Sua ressurreição e a purificação do mundo, mas também a transformação das pessoas ao seu redor. A amizade e o sacrifício de Sam refletem o apoio que Jesus recebe dos Seus seguidores, como os discípulos, e de Deus Pai.

Já na saga tolkieniana, Sam é a figura de lealdade e amizade incondicional, o que também reflete o relacionamento de Cristo com aqueles que O seguem fielmente.

4.10 Caminho de volta

A luta final entre Frodo e Gollum – que, nessa narrativa, representará a última tentativa de resistência do bem contra o mal – é uma representação desse caminho, posto que o mal, até o último momento, tenta corromper e destruir. Entretanto, vale salientar que a criatura Gollum aparece na obra anterior ao livro *O Senhor dos Anéis*, em *O Hobbit*, quando Bilbo acha o Um Anel e o toma da criatura. Já nas Minas de Moria, Frodo questiona Gandalf sobre o fato de Bilbo não o ter matado quando teve a chance, fato rebatido pelo mago na seguinte passagem do livro de Tolkien:

— Merece! Ouso dizer que sim. Muitos que vivem merecem a morte. E alguns que morrem merecem viver. Você pode dar-lhes vida? Então não seja tão ávido para julgar e condenar alguém à morte (2000, p. 63).

Em Cristo e sua narrativa, o caminho de volta, para Cristo, é Sua subida ao Calvário, onde Ele é crucificado e vence o mal. A luta final contra Gollum pode ser vista como a resistência do mal, que tenta corromper Frodo, mas, no final, é vencida de uma maneira inesperada. Para Cristo, a vitória sobre o mal é garantida com Sua ressurreição, que é o triunfo final sobre a morte e o pecado.

4.11 Ressurreição

Na Bíblia, a ressurreição é a redenção da humanidade e a vitória sobre a morte. Assim como o fim do Anel traz a purificação do mundo, a ressurreição de Cristo traz a possibilidade de salvação para todos. No entanto, a perda da “inocência” de Frodo se reflete na experiência transformadora de Cristo, que ao passar pela morte e pela ressurreição, carrega uma dor e um sacrifício profundos, mas também uma transformação redentora para a humanidade. Algo semelhante ocorre na Terra-Média, após Frodo destruir o Um Anel.

Em Tolkien, a ressurreição se dá pelo fim do Um Anel e a purificação do mundo, mas ao custo da própria inocência de Frodo e para isso, é necessário compreender que inocência é essa que foi perdida.

Frodo, em batalha com Gollum nas Montanhas da Perdição, vê-se falho e incapaz de completar a sua missão. Ao colocar o Um Anel no dedo e desaparecer, a criatura Gollum o arranca, junto do dedo, com uma dentada e, na felicidade de ter conseguido o “Seu Precioso”, cai nas fendas da montanha, destruindo-o para sempre. Segundo Paula (2019), Frodo é merecedor de toda honra apesar de seu aparente fracasso, pois a personagem “esgotou cada gota de sua força de vontade e de corpo, e isso foi suficiente para levá-lo ao ponto destinado, e não mais que isso.

Ademais, o autor defende que o fracasso de Frodo é um evento muito mais real e significativo, pois “a causa (não o “herói”) foi triunfante, porque mediante o exercício de piedade, misericórdia, e perdão de injúrias, produziu-se uma situação na qual tudo foi corrigido e o desastre foi evitado”⁴ (Tolkien, 2013, p. 269). Desta forma, é quando Frodo é derrotado que a vitória é alcançada.

4.12 Retorno com o elixir

Ao final da narrativa, Frodo volta ao Condado e percebe que não pode mais viver lá como antes. Sua essência mudou com a jornada e a destruição do Um Anel e terá de renunciar àquilo que ele mais ama: o Condado. Mesmo algum tempo depois de destruir o Um Anel, Frodo ainda é atormentado pelo ferimento causado pelo Nazgûl no Topo do Vento. Por isso, decide partir para as Terras Imortais, simbolizando a busca por paz e redenção.

Analogicamente ao texto sagrado cristão, pode-se perceber a mesma trajetória do que acontece com Jesus Cristo, ao ressuscitar e passar 40 dias na terra, antes de subir aos céus. Jesus, após a sua morte e ressurreição, já não era mais o mesmo. Segundo Paula (2019), Frodo renuncia a uma vida de alegrias no Condado, porém apenas para navegar em direção a Valinor, um reino imaculado no qual não há sofrimento ou corrupção, tal

4 [...] the cause (not the ‘hero’) was triumphant, because by the exercise of pity, mercy, and forgiveness of injury, a situation was produced in which all was redressed and disaster averted.

qual o Paraíso Celestial cristão, onde gozará de uma vida imortal. Em outras palavras, à semelhança do Cristo que ressuscita gloriosamente após entregar-se à morte em prol da salvação da humanidade, Frodo recobra sua vida somente depois de perdê-la em benefício dos povos da Terra-Média.

5 Os elementos cristãos na jornada de Frodo

5.1 O Um Anel como símbolo do pecado e da tentação

Segundo Klautau (2007), Sauron, o Maiar, é o principal tenente de Morgoth, que ousou criar dissonância de harmonia com Eru, o Único, quando este propôs o tema aos valar, no início de tudo. Sendo assim, o Mal é a corrupção de todos os propósitos originais do criador, que só tem poder porque foi criada para o Bem.

Dessa maneira,

a relação entre o Pecado Original, presente em cada criatura, é a base de interpretação para o Um Anel. O mal é um ser em si, porque é criado por um ser corrompido, com o poder originalmente bom, que se desviou por vontade própria de seu caminho de harmonia, e dedicando seu poder, que em si era bom, corrompeu-se para o nada [...]. Essa ambiguidade tem como raiz a expressão do Pai-Nosso cristão. As duas últimas frases “não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal”, refletem ao mesmo tempo que o mal é interno, explícito em tentações, e por outro lado externo, no qual se pede que Deus nos livre dele. Por mais que essa visão possa ser ambígua, é nela que Tolkien realiza sua simbolização do Mal no Um Anel (Klautau, 2007, p. 219).

O Um Anel representa o objeto que levará todos à perdição e o desafio de “não cair em tentação” é não se deixar seduzir por ele e seus poderes, como, por exemplo, ao colocá-lo no dedo. Em diversos momentos, Frodo cai em tentação (em frente a Tom Bombadil; na estalagem em Bri; em Amon Sun, para se proteger dos Espectros do Anel;

para fugir de Boromir; em Amon Hen, e da última vez, na batalha com Gollum), tornando perceptível a tensão constante que o Mal provoca.

5.2 O livre-arbítrio

A concepção de livre-arbítrio é um dos pontos mais recorridos do trabalho de Tolkien. Em diversos momentos da narrativa, é dado direito de escolha às personagens: Frodo decide seguir de Valfenda com o Um Anel; Gandalf ao desmascarar Gríma Língua-de-Cobra também diz que não se deve matá-lo sem antes oferecer-lhe uma escolha e a mesma atitude ocorre com a queda de Saruman em Isengard.

Para Klautau (2007), o livre-arbítrio, por meio da Graça, é antes de tudo o centro da diferença entre o Bem e o Mal.

Considerações Finais

A jornada do herói de Joseph Campbell, apesar de tratar do “herói de mil faces” baseado na literatura clássica e em seus heróis épicos, pode ser aplicada sob o texto sagrado do cristianismo.

Frodo, antes de tudo, sai em sua jornada rumo ao desconhecido com o intuito de salvar a Terra-Média do poderoso Sauron e restaurar novamente a paz, salvando a todos. Essa mesma teoria pode ser aplicada ao se analisar o texto religioso cristão, cujo foco é mostrar a salvação.

Sendo assim, o presente trabalho teve como objetivo mostrar como essas duas narrativas – uma de literatura secular e outra de literatura religiosa – inter cruzam semioticamente os seus olhares e entendimentos, e o quanto a vida e a religião do autor foram primordiais para a escrita da obra.

Referências

BÍBLIA. *Nova Versão Internacional*. Disponível em: <https://www.bibliaon.com/>. Acesso em: 24 mar. 2025.

CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*. São Paulo, Editora Cultrix/Pensamento, 1995.

CARREIRO, Marcos Vinícius Nunes. Dante e Tolkien: as florestas escuras e suas representações do inferno. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL VICENTE E DORA FERREIRA DA SILVA, 2015, Uberlândia. *Anais [...]*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2015. Disponível em: https://www.ileel.ufu.br/anaiscolquiadoraevicente/wp-content/uploads/2015/08/cpdv_artigo_036.pdf. Acesso em: 11 abr. 2025.

DE SOUZA, Vitor Chaves; LUCKNER, Rita de Cassia Scocca. Literatura e fenômeno religioso: a sobrevivência do mito na estrutura das narrativas literárias. *Paralellus – Revista de Estudos de Religião*, Recife, v. 12, n. 31, p. 663–681, 2021. Disponível em: <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/view/2041>. Acesso em: 11 abr. 2025.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o profano: A essência das religiões*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

ELIADE, Mircea. *Journal III–1970-1978*. Chicago: The University of Chicago Press. 1989.

GÓIS, Érika Aparecida; COSTA, Davi Fernandes. Frodo: o herói de 'O Senhor dos Anéis'. *Kaliópe*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 115-124, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kaliópe/article/view/3835>. Acesso em: 24 mar. 2025.

HENDERSON, Joseph L. Os mitos antigos e o homem moderno. In: JUNG, Carl G. (org.). *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

KLAUTAU, Diego Genú. *O Bem e o Mal na Terra Média – A filosofia de Santo Agostinho em O Senhor dos Anéis de J.R.R. Tolkien como crítica à modernidade*. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

KOTHE, Flávio R. *O Herói*. São Paulo: Editora Ática, 2000.

MESQUITA, Jamiry Rosiely. *A permanência do herói trágico na literatura de Tolkien: ação e indecisão em O Senhor dos Anéis*. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências da Religião) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2016. Disponível em <https://repositorio.apps.uern.br/xmlui/handle/123456789/1268>. Acesso em: 24 mar. 2025.

PAULA, Ribanna Martins de. *Sacrificium Christi: um estudo sobre o sacrifício das personagens crísticas em O Senhor dos Anéis*. 2019. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/322682851.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2025.

RICÓN, Luiz Eduardo. A jornada do herói mitológico. In: *II SIMPÓSIO DE RPG & EDUCAÇÃO*. 2006. p. 2-4.

TOLKIEN, J. R. R. *A sociedade do anel*. Tradução de Lenita Maria Rímoli Esteves e Almiro Pisetta. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

TOLKIEN, J. R. R. *As Duas Torres*. Tradução de Lenita Maria Rímoli Esteves e Almiro Pisetta. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

TOLKIEN, J. R. R. *O Retorno do Rei*. Tradução de Lenita Maria Rímoli Esteves e Almiro Pisetta. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. *The Letters of J. R. R. Tolkien*. Boston: Houghton Mifflin, 2013.

VOGLER, Christopher. *A Jornada do Escritor*. Rio de Janeiro, Ampersand Editora, 1997.

WHITE, Michael. *J. R. R. Tolkien, o senhor da fantasia*. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2016.

Submetido em 26/03/2025

Aprovado em 23/06/2025